

O luto para além da morte física: uma análise psicanalítica das perdas existenciais e sua elaboração.

Grief beyond physical death: a psychoanalytic analysis of existential losses and their elaboration.

Autora: Marli Simião dos Santos Reis¹

Coautora: Eliane Bandeira do Nascimento²

Orientadora: Ainá Feitosa³

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender as experiências de perda para além da morte física, analisando suas implicações psíquicas sob a perspectiva psicanalítica e contemporânea. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em autores clássicos e atuais das ciências humanas e da saúde. Evidenciou-se que as experiências de perda ultrapassam a morte concreta, abrangendo dimensões simbólicas e existenciais, como rupturas afetivas, mudanças identitárias e transformações no ciclo de vida. Esses processos implicam reorganização subjetiva, reconstrução de significados e adaptação a novas realidades, manifestando-se tanto no campo emocional quanto nas práticas cotidianas. Observou-se ainda que fatores socioculturais, como o silenciamento do sofrimento, contribuem para a invisibilização dessas experiências, dificultando sua elaboração. Conclui-se que a ampliação do conceito de luto permite uma compreensão mais abrangente do sofrimento humano.

¹ Faculdade Católica de Rondônia. Curso: psicologia.

² Faculdade Católica de Rondônia. Curso: psicologia.

³ Faculdade Católica de Rondônia. Curso: psicologia.

Palavras-chave: Luto; Perdas existenciais; Psicanálise; Sofrimento psíquico; Subjetividade.

ABSTRACT

This study aimed to understand experiences of loss beyond physical death, analyzing their psychological implications from both psychoanalytic and contemporary perspectives. It is a qualitative, bibliographic study based on classical and current authors from the human and health sciences. The findings indicate that experiences of loss go beyond concrete death, encompassing symbolic and existential dimensions, such as affective ruptures, identity changes, and transformations across the life cycle. These processes involve subjective reorganization, reconstruction of meanings, and adaptation to new realities, manifesting both emotionally and in everyday practices. It was also observed that sociocultural factors, such as the silencing of suffering, contribute to the invisibility of these experiences, making their elaboration more difficult. It is concluded that expanding the concept of grief allows for a broader understanding of human suffering.

Keywords: Grief; Existential losses; Psychoanalysis; Psychological suffering; Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

O luto constitui um dos processos psíquicos mais complexos da experiência humana, sendo historicamente associado à morte de um ente querido. Contudo, tal compreensão revela-se insuficiente diante da diversidade de perdas que atravessam a existência, incluindo rupturas de vínculos, mudanças identitárias e transformações no ciclo de vida.

Sob a perspectiva psicanalítica, Freud (1917/2010) compreende o luto como um trabalho psíquico no qual o sujeito retira progressivamente o investimento libidinal do objeto perdido. Essa concepção permite compreender que o sofrimento não se reduz à ausência do objeto, mas envolve a ruptura do vínculo estabelecido, o que amplia a análise para perdas simbólicas.

Klein (1975) destaca que o luto também envolve transformações nos objetos internos. A partir dessa perspectiva, entende-se que a perda não ocorre apenas no plano externo, mas mobiliza conteúdos internos profundos, atravessados por ambivalência e culpa.

Lacan (2006), ao relacionar o luto à falta estrutural, aponta que a experiência de perda reatualiza a incompletude constitutiva do sujeito. Isso sugere que o luto não é um evento isolado, mas um processo que se inscreve na própria estrutura do desejo.

Parkes (1998) afirma que a perda está associada à ruptura de vínculos significativos. Tal entendimento reforça que o luto pode emergir em diferentes situações da vida, não estando restrito à morte física.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do luto, no campo da psicanálise, exige ultrapassar a noção restrita de reação à morte física, reconhecendo-o como um processo psíquico complexo que acompanha o sujeito ao longo de sua existência. Nesse sentido, o luto pode ser entendido como uma experiência estruturante da subjetividade, vinculada à perda de objetos investidos de valor afetivo e simbólico.

Freud (1917/2010, p. 249) define o luto como a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como ideais ou valores. Essa formulação é decisiva porque introduz a possibilidade de compreender o luto para além da morte concreta, abrindo espaço para a análise de perdas simbólicas. Ao propor o conceito de trabalho de luto, Freud indica que o sujeito precisa retirar, de forma gradual, o investimento libidinal do objeto perdido. Tal processo não ocorre de maneira imediata, sendo marcado por resistência, dor e confronto com a realidade. Desse modo, entende-se que o sofrimento não se limita à ausência do objeto, mas envolve a ruptura do vínculo e a necessidade de reorganização psíquica.

Ao ampliar essa perspectiva, Melanie Klein (1975) desloca o foco para o mundo interno do sujeito, destacando que o luto implica transformações nas relações com os objetos internos. Para a autora, a perda mobiliza sentimentos ambivalentes, amor e agressividade, exigindo um processo de elaboração que envolve culpa e reparação. Essa leitura aprofunda a concepção freudiana ao evidenciar que o luto não ocorre apenas em relação ao objeto externo, mas também na dinâmica psíquica interna, o que permite compreender a complexidade emocional envolvida nas perdas existenciais.

A contribuição de Lacan (2006) introduz um deslocamento teórico significativo ao relacionar o luto à falta estrutural. Para o autor, o sujeito é constituído a partir da incompletude, sendo o desejo sempre marcado pela falta. Nesse sentido, a experiência de perda reatualiza essa condição estrutural, exigindo uma reconstrução simbólica. Diferentemente de uma perspectiva que busca a superação definitiva da perda, a leitura lacaniana sugere que o luto envolve uma reconfiguração contínua da posição do sujeito diante daquilo que lhe falta.

Articulando essas contribuições clássicas com abordagens contemporâneas, observa-se uma ampliação do conceito de luto para além da morte física. Parkes (1998) destaca que o luto está diretamente relacionado à ruptura de vínculos significativos, independentemente de sua natureza. Tal perspectiva reforça que perdas como separações, mudanças identitárias e rupturas de projetos também podem desencadear processos de luto, o que amplia sua compreensão no campo das experiências humanas.

Nessa direção, Pereira e Pires (2018, p. 200) compreendem o luto como um processo ativo de reorganização subjetiva, no qual o indivíduo reconstrói sentidos diante da perda. Essa concepção desloca o luto de uma posição passiva para uma dinâmica de reconstrução, evidenciando seu caráter processual e transformador.

Garcia, Santos e Cardoso (2025) aprofundam essa discussão ao introduzirem o conceito de ruptura do “mundo presumido”. Segundo os autores, a perda significativa desestabiliza as crenças e expectativas que organizam a experiência do sujeito, exigindo uma reconstrução de sentido. Essa perspectiva evidencia que o luto não se limita à perda do objeto, mas implica uma transformação na forma como o sujeito compreende a si mesmo e o mundo.

Neimeyer (2016) contribui ao compreender o luto como um processo de reconstrução de significados. Para o autor, a experiência de perda desafia as narrativas pessoais, exigindo a elaboração de novos sentidos que permitam integrar a perda à continuidade da vida. Essa abordagem rompe com modelos lineares, enfatizando o caráter singular do luto.

Stroebe e Schut (2010), por sua vez, propõem o modelo dual do luto, no qual o indivíduo oscila entre dois movimentos: a orientação para a perda e a orientação para a restauração. Essa oscilação evidencia que o luto não segue uma trajetória linear, sendo marcado por avanços e

recuos. Tal compreensão é fundamental para evitar interpretações normativas ou patologizantes do processo.

Dunker (2019) amplia essa discussão ao propor a noção de luto infinito, sugerindo que, em determinados casos, a perda não se encerra, mas se transforma em uma presença contínua na vida do sujeito. Essa perspectiva questiona a ideia de superação definitiva, indicando que a elaboração do luto pode implicar a convivência com a perda.

No plano sociocultural, Ariès (1977) aponta que a morte foi progressivamente afastada do cotidiano, contribuindo para o silenciamento do sofrimento. Esse processo impacta diretamente a forma como o luto é vivenciado, dificultando sua expressão. Cardoso, Teixeira e Jaschke (2025) reforçam que a ausência de rituais e de reconhecimento social intensifica essa dificuldade, especialmente no caso de perdas que não envolvem a morte física.

Além disso, Santos e Ricci (2025) demonstram que o luto produz impactos significativos no cotidiano, afetando rotinas, relações e funcionalidade. Essa abordagem amplia a compreensão do fenômeno ao evidenciar que o luto se manifesta também na vida prática, e não apenas no campo emocional.

No campo clínico, Maia e Cruz (2022) destacam que a escuta terapêutica desempenha papel fundamental na elaboração do luto. A possibilidade de simbolização da perda permite ao sujeito reorganizar sua experiência e reconstruir vínculos, evidenciando a importância de intervenções que favoreçam esse processo.

Dessa forma, a articulação entre as diferentes perspectivas teóricas evidencia que o luto deve ser compreendido como um fenômeno multifacetado, que envolve dimensões psíquicas, sociais e simbólicas. Ao reconhecer o luto em vida como uma dimensão legítima da experiência humana, amplia-se a compreensão do sofrimento e das formas de elaboração possíveis.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, tendo como objetivo compreender o luto para além da morte física, com ênfase nas perdas existenciais e em sua elaboração sob a perspectiva psicanalítica.

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a análise aprofundada de fenômenos subjetivos, especialmente aqueles relacionados aos significados, emoções e construções simbólicas atribuídas pelos indivíduos às experiências de perda. Conforme destaca Minayo (2014), esse tipo de investigação permite compreender dimensões da realidade que não podem ser reduzidas a dados quantitativos, sendo particularmente relevante no campo das ciências humanas e da saúde.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é classificada como bibliográfica, tendo sido desenvolvida a partir da análise de materiais previamente publicados, como artigos científicos, livros e produções acadêmicas relevantes sobre o tema. Segundo Gil (2019), esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador acessar e articular conhecimentos já consolidados, favorecendo a construção de um referencial teórico consistente. Lakatos e Marconi (2014) também ressaltam que a pesquisa bibliográfica constitui etapa fundamental no processo científico, ao fornecer base teórica para a análise crítica do objeto de estudo.

O corpus da pesquisa foi composto por produções nacionais e internacionais que abordam o luto sob diferentes perspectivas teóricas, com ênfase na psicanálise e em abordagens contemporâneas do sofrimento psíquico. Foram considerados critérios como relevância temática, atualidade das publicações e reconhecimento acadêmico dos autores.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), que consiste em um conjunto de procedimentos sistemáticos voltados à interpretação dos sentidos presentes nos materiais analisados. O processo analítico seguiu três etapas: (1) pré-análise, com leitura exploratória e organização do material; (2) exploração do conteúdo, com identificação de categorias temáticas relacionadas ao luto em vida e às perdas simbólicas; e (3) interpretação dos resultados, articulando os dados com o referencial teórico adotado.

Além disso, a pesquisa assume uma perspectiva interpretativa, na qual o pesquisador desempenha papel ativo na construção do conhecimento, conforme destacado por Severino (2016). Tal abordagem permite ir além da descrição dos dados, possibilitando uma compreensão crítica do fenômeno investigado.

Por fim, ressalta-se que, por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, não houve envolvimento direto de participantes humanos, não sendo necessária submissão a comitê de ética. Ainda assim, foram respeitados os princípios éticos da pesquisa científica, especialmente no que se refere à correta citação das fontes e à fidelidade na interpretação dos autores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados evidencia que o luto deve ser compreendido como um processo dinâmico de reorganização subjetiva, ultrapassando a noção restrita de resposta à morte física. Observa-se uma convergência teórica significativa entre os autores quanto à ampliação do conceito de luto, reconhecendo sua presença em diferentes experiências de perda ao longo da vida.

A partir da perspectiva freudiana, o luto é entendido como um trabalho psíquico necessário, no qual o sujeito realiza a retirada do investimento libidinal do objeto perdido. No entanto, ao articular essa concepção com contribuições contemporâneas, percebe-se que tal processo não se limita ao desligamento, mas envolve também a reconstrução de significados e a reorganização da identidade. Nesse sentido, a leitura de Neimeyer (2016) permite compreender que o luto não é apenas um processo de perda, mas também de produção de sentido.

Essa ampliação teórica é fundamental para compreender o luto em vida, uma vez que perdas simbólicas frequentemente não possuem reconhecimento social ou rituais que auxiliem sua elaboração. Tal invisibilidade pode intensificar o sofrimento, como apontado por Cardoso, Teixeira e Jaschke (2025), evidenciando que a dimensão social exerce papel decisivo na forma como o luto é vivenciado.

Além disso, a articulação com o modelo dual de Stroebe e Schut (2010) evidencia que o processo de luto não ocorre de maneira linear. A oscilação entre enfrentamento da perda e reconstrução da vida indica que o sujeito transita entre diferentes posições psíquicas, o que reforça a necessidade de uma compreensão não normativa do luto. Essa perspectiva é particularmente relevante ao se considerar perdas existenciais, que muitas vezes não apresentam um marco claro de início ou fim.

Outro aspecto relevante refere-se à dimensão cotidiana do luto. Conforme apontam Santos e Ricci (2025), o sofrimento decorrente da perda impacta diretamente as atividades diárias, a organização da rotina e as relações sociais. Isso indica que o luto não se restringe ao campo emocional, mas se manifesta de forma concreta na vida do sujeito, exigindo adaptações contínuas.

No campo clínico, Maia e Cruz (2022) destacam que a escuta terapêutica pode favorecer a elaboração do luto, possibilitando a simbolização da perda. Tal perspectiva reforça que a elaboração não ocorre de forma espontânea em todos os casos, sendo, por vezes, necessária a mediação profissional.

Dunker (2019), ao propor a noção de luto infinito, contribui para tensionar a ideia de superação definitiva, sugerindo que a perda pode permanecer como uma presença contínua na experiência subjetiva. Essa concepção permite problematizar abordagens normativas que pressupõem um fim do luto, indicando que, em muitos casos, trata-se de um processo de convivência com a ausência.

Dessa forma, os resultados indicam que o luto em vida deve ser compreendido como um fenômeno complexo, atravessado por dimensões psíquicas, sociais e existenciais. Ao integrar diferentes perspectivas teóricas, torna-se possível compreender o luto não apenas como resposta à perda, mas como um processo de transformação subjetiva.

Nesse sentido, destaca-se que a ampliação do conceito de luto representa um avanço importante para o campo das ciências humanas e da saúde, na medida em que permite reconhecer formas de sofrimento historicamente negligenciadas. Tal reconhecimento tem implicações diretas para a prática clínica e para a construção de políticas públicas mais sensíveis às experiências de perda.

5 CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo permitiu compreender que o luto não se restringe à morte física, configurando-se como um processo psíquico complexo que atravessa diferentes dimensões da experiência humana. A partir da articulação entre autores clássicos da psicanálise e abordagens contemporâneas, evidenciou-se que as perdas simbólicas e existenciais

produzem impactos significativos na subjetividade, exigindo processos de elaboração que envolvem reorganização psíquica, reconstrução de significados e adaptação a novas realidades.

Sob a perspectiva freudiana, o luto foi compreendido como um trabalho psíquico necessário, no qual o sujeito realiza a retirada do investimento libidinal do objeto perdido. No entanto, ao integrar contribuições de autores como Klein e Lacan, observa-se que esse processo não se limita ao desligamento, mas envolve transformações profundas no mundo interno e na relação do sujeito com a falta.

As abordagens contemporâneas, por sua vez, ampliam essa compreensão ao enfatizar o papel da construção de significados (Neimeyer, 2016), da oscilação entre enfrentamento e reorganização (Stroebe & Schut, 2010) e da possibilidade de permanência da perda na experiência subjetiva (Dunker, 2019). Tais contribuições permitem compreender o luto como um processo não linear, marcado por singularidades e múltiplas formas de elaboração.

Outro aspecto relevante refere-se à influência dos fatores socioculturais, especialmente no que diz respeito ao silenciamento do sofrimento. Conforme discutido, a ausência de reconhecimento social e de rituais pode dificultar a elaboração das perdas, sobretudo aquelas que não envolvem a morte física, contribuindo para a invisibilização do luto em vida.

Além disso, evidenciou-se que o luto possui impactos concretos no cotidiano dos indivíduos, afetando suas relações, rotinas e funcionamento psíquico. Tal constatação reforça a necessidade de abordagens que considerem o fenômeno de forma integrada, articulando suas dimensões emocionais, sociais e práticas.

Diante desses achados, conclui-se que a ampliação do conceito de luto representa um avanço significativo para a compreensão do sofrimento humano, possibilitando o reconhecimento de experiências historicamente negligenciadas. Do ponto de vista clínico e social, esse entendimento contribui para o desenvolvimento de práticas mais sensíveis e humanizadas.

Por fim, destaca-se que, embora este estudo tenha se fundamentado em uma abordagem bibliográfica, seus resultados apontam para a necessidade de investigações empíricas futuras que explorem as vivências de perdas existenciais em diferentes contextos. Tais pesquisas podem

contribuir para o aprofundamento do conhecimento e para o aprimoramento das intervenções no campo da saúde mental.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

CÂMARA, Leonardo; HERZOG, Regina. A realidade da perda: considerações sobre o luto e o exame de realidade. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 561-578, 2018.

CARDOSO, Giane Corrêa; TEIXEIRA, Cristina Ribas; JASCHKE, Ingrid de Oliveira. O luto à luz da psicanálise. *Revista Foco*, v. 18, n. 9, p. 1-25, 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em psicanálise. *Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, 2019.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: _____. *Obras completas: volume 12 – Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

GARCIA, Juliana Tomé; SANTOS, Manoel Antônio dos; CARDOSO, Érika Arantes de Oliveira. Lutos e seus percursos: das teorias clássicas às contemporâneas. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 1, p. 111-127, 2025.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MAIA, Yaná dos Santos; CRUZ, Edson Júnior Silva da. A vida após o luto pela perspectiva psicanalítica: um estudo de caso. *Revista Polêmica*, v. 22, n. 3, p. 26-37, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NEIMEYER, Robert A. Meaning reconstruction in grief: development of a research program. *Death Studies*, v. 40, n. 2, p. 79-91, 2016.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA, Thatiane Silva; PIRES, Sanyelle Ferreira. O luto e suas implicações na saúde mental: uma revisão teórica. *Revista Psicologia em Foco*, v. 10, n. 1, p. 195-205, 2018.

SANTOS, Ana Paula Nascimento dos; RICCI, Éllen Cristina. As repercussões cotidianas do luto: uma revisão sistemática de literatura em bases de dados nacionais. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, v. 9, n. 3, p. 3492-3507, 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. The dual process model of coping with bereavement: a decade on. *Omega: Journal of Death and Dying*, v. 61, n. 4, p. 273-289, 2010.